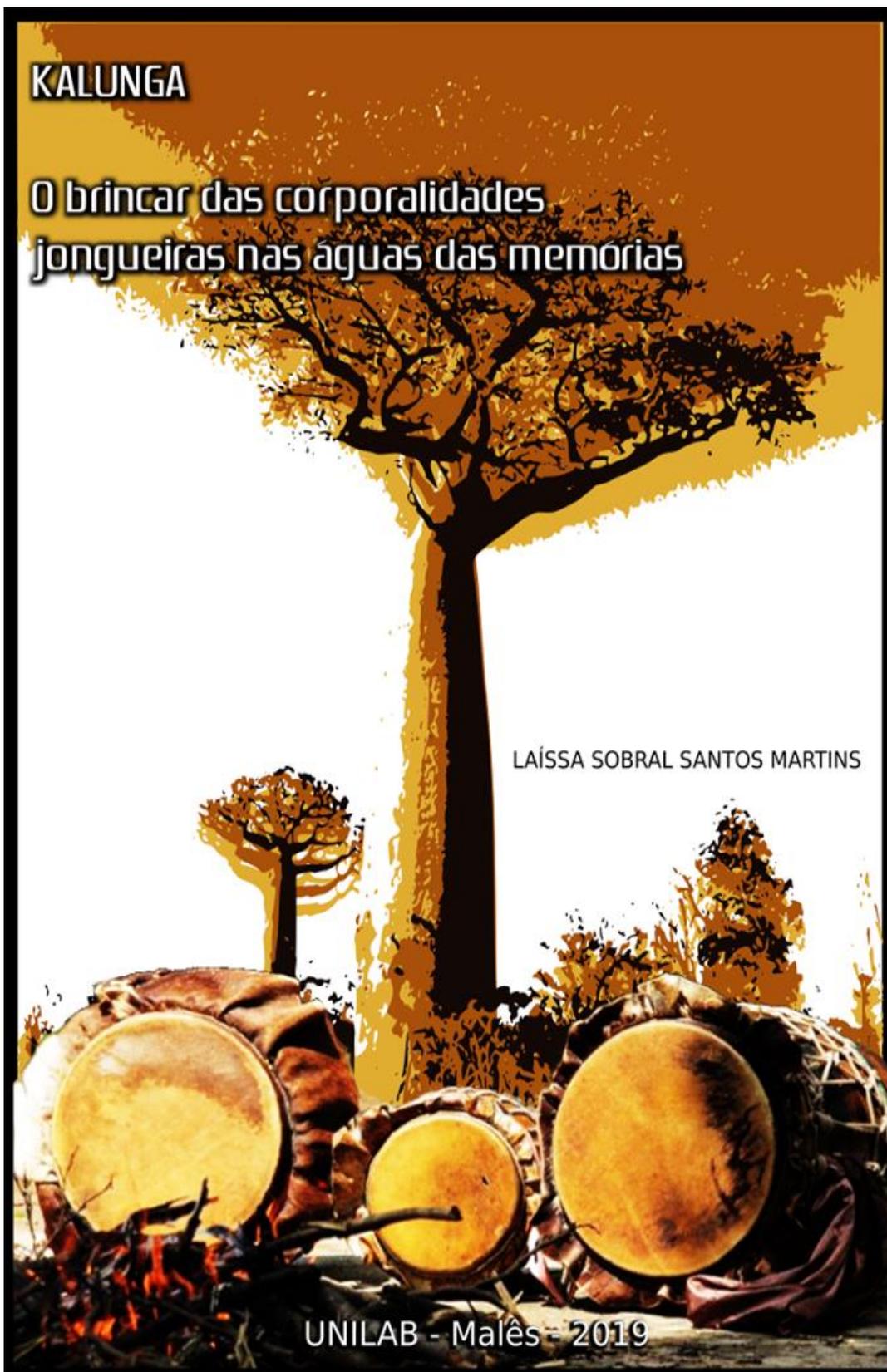


KALUNGA

**O brincar das corporalidades
jongueiras nas águas das memórias**

LAÍSSA SOBRAL SANTOS MARTINS

UNILAB - Malês - 2019





**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

LAISSA SOBRAL SANTOS MARTINS

**KALUNGA: O BRINCAR DAS CORPORALIDADES
JONGUEIRAS NAS ÁGUAS DAS MEMÓRIAS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

M344k

Martins, Laissa Sobral Santos.

Kalunga : o brincar das corporalidades jongueiras nas águas das memórias / Laissa Sobral Santos Martins. - 2019.

74 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Costa Santos.

1. Cultura afro-brasileira. 2. Danças afro-brasileiras. 3. Filosofia Bantu. 4. Jongo (Dança) - Brasil. I. Martins, Laissa Sobral Santos - Biografia. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 793.31096

LAISSA SOBRAL SANTOS MARTINS

**KALUNGA: O BRINCAR DAS CORPORALIDADES
JONGUEIRAS NAS ÁGUAS DAS MEMÓRIAS**

Monografia apresentada ao Curso de Humanidades da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira como um dos requisitos à obtenção do título
de Bacharela.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Costa Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

LAISSA SOBRAL SANTOS MARTINS

**KALUNGA: O BRINCAR DAS CORPORALIDADES
JONGUEIRAS NAS ÁGUAS DAS MEMÓRIAS**

Monografia apresentada ao Curso de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como um dos requisitos à obtenção do título de Bacharela.

Aprovada em: 26/03/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliane Costa Santos – Orientadora

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dra. Cristiane Santos Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Lá no céu tem três estrelas,
todas três em carreirinhas;

Cristiano Alves de Oliveira,
Raul Sobral,
e Oranifé Edùn Ara.

A todas crianças que brincam de nascer para estrela virar.

AGRADECIMENTOS

Tutondelê* (gratidão em kikongo) a África, minha ancestralidade, o refazer nessa terra, às águas que circularam com as memórias dos nossos, as comunicações codificadas que chegaram primeiro nas plantas dos meus pés, aos transe vividos, ao mundo invisível que sinto que é maior de tudo que posso enxergar, as mais velhas e aos mais velhos, que sabem o caminho.

Ao tambu, caxambu e candongueiro, a EXU pelo poder da comunicação.

A minha mãe Mara Lúcia Sobral Santos, por nunca abandonar ninguém, sempre sorrir, por me gestar, parir, desmamar e me criar, por sempre reforçar que preciso exigir nosso lugar na história, pela imaginação e força, por todo o corre, por ser catadora, por ser quem és. Te amo Mamãe.

A toda a família Sobral pela resistência e acolhimento, mas especialmente a minha Tia Andréia e a Tia Cristina, por sempre estarem quando mais preciso, por cada bolo de aniversário combinados com penteados e amor;

As minhas irmãs Caçulas Dongo e Quekel e ao Kaynan que veio ao mundo através da segredo. Tudo isso é por vocês.

A Família Martins em especial ao meu ancestral Luiz Otávio Martins que a cada batucada te sinto tão perto, nossas mãos juntas tocam os tambores da saudade. Te amo Papai.

A Mametu Caçulinha da Oxum, minha vovó que me ensinou o amor aos Encantados e todas as Mametus, Yalorixás e Zeladoras..

A Comunidade Jongo Embu das artes, especialmente Tia Ana, Mestra Sol e Tia Cida, por sempre cuidarem de mim, me transmitirem a tradição, por me acolherem, as senhoras são inspiração do meu cantar, alegria do meu dançar, canjiquinha da minha fome, sorrisos do meu coração.

A Cooperativa Granja Julieta- Nossos Valores e a SEMUC por me ensinar que mulher bonita é mulher que luta.

As mulheres do CCA Palmares e um denego especial ao Khondi, por acreditar na minha história.

A africanidade da Casa Preta - PA, Casa de Cultura Tainã - SP, Casa do Boneco - BA, Kilombo Kebrada -SP, minhas escolas de vida.

As crias: Kaynan, Breno , Emilly, Arthur , Ana Heloísa, Lívia, Lauren, Talita, Flávio, Isabela, Adriano, Aisha Shabazz, Arthur Ìgbà, Gabriela e Gabriel, Ayla, Oju Mi & Peróla, Ébano, Oranifé Edùn Ara, Cristiano, Raul Sobral, Jõa Guilherme, Orumilá & Ayê, Tetemboa Pipoca, Fernanda, Daniel, Adriano, Oronho, Jefferson, Josias, Joyce, Aylê, Breno & Brian,

Gislane, Kauê, Kaléu- Jean, Kauã, Max, Caio, Ketelyn, Yasmin, Eduardo, Wesley, Kamily, Estefani, Mateus, Gislaine, Akin e a todas crianças.

Ao Eduardo Rodrigues por me apresentar *Possibilidades*.

Ao Grajaú por ser o gueto que me ensinou a pisar no sapatinho.

A família UNILAB MALÊS que resiste, em especial Dona joca, como diria o jongo guaratinguetá: não troco meu lar em guerra pela paz do mundo inteiro.

A Profa. Dra Eliane Costa Santos pelo amor a primeiro “arrupio”, por me lembrar que o importante é caminhar. Tutondelê por me africanizar, me ensinar a brincar de mankala e semear em mim esperanças. Com sua benção.

A Profa. Dra Cristiane Santos Sousa, por me reconhecer e me tornar uma navegante das memórias.

Ao Marlon por incentivar e ensinar que o cuidado é algo nosso.

Ao Mestre Monza Calabar e o Mestre Pinguim por me africanizar e por ensinarem a me mover no mundo.

Grata a Kambelacidongo que me vestiu, me rezou e cuida da minha família.

As Mulheres Pretas em todo o mundo, guardiãs de memórias, catadoras, rezadeiras, parteiras, faxineiras, marisqueiras, professoras, amigas, irmãs e mães e filhas que transformam, lutam e sustentam a humanidade.

A vida que tenho agora, Tutondelê.

Eu tô cansada na mesa quero sentar,
aproveita vá lá fora que kalunga é seu lugar.

Um lugar para morar,
Kalunga é seu lugar.

Um remédio para sarar
Kalunga é seu lugar.

Um canto bom para descansar,
Kalunga é seu lugar.

Uma boneca para brincar,
Kalunga é seu lugar.

Machado.

Águas de minhas memórias.

RESUMO

Vamos aprender em uma floresta de baobás? A presente monografia tem como objetivo salvaguardar através do corpo brincante o jongo, evidenciando elementos das filosofias afro ancestrais com a contação de histórias. Em uma autobiografia ritualizar os processos de etnoaprendizagens e contribuir para o combate do epistemicídio através das narrativas plurais que se apresentam de maneiras filosóficas nos corpos pretos. Conduzir o jongo como ferramenta metodológica de aprendizagens e de conexão filosóficas com as ancestralidades, por ser de origem Bantu, salvaguardar os fundamentos das filosofias Bantus através das experiências de terreiros de nação Congo-Angola. Baobás são a representação da preservação da vida, com eles homenagear as tradições afrobrasileiras e as cosmosensações que constroem a pesquisadora.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira. Danças afro-brasileiras. Filosofia Bantu. Jongo (Dança) - Brasil. Martins, Laissa Sobral Santos - Autobiografia.

ABSTRACT

Let's learn in a baobab forest? The present monograph aims to safeguard the jongo through the gutting body, evidencing elements of afro ancestral philosophies with storytelling. In an autobiography rites the processes of ethno-learning and contribute to the fight of epistemicide through the plural narratives that present themselves in philosophical ways in the black bodies. To lead the jongo as a methodological tool of learning and philosophical connection with the ancestral ones, being of Bantu origin, to safeguard the foundations of the Bantus philosophies through the experiences of terreiros of nation Congo-Angola. Baobás are the representation of the preservation of life, with them honor the Afro-Brazilian traditions and the cosmosensations that construct the researcher.

Keywords: Afro-brazilian culture. Afro-brazilian dances. Bantu philosophy. Jongo (Dance) - Brazil. Martins, Laissa Sobral Santos - Autobiography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Abassá Oxum e Oxóssi - SP. 2015	18
Figura 2	Casa da Mãe Fátima celebrada em Vitória da Conquista 2011	19
Figuras 3 e 4	Cata papel, papelão e sonhos, ela recicla histórias	21
Figura 5	Represa Billings que faz encontro com a represa Guarapiranga - Importante reservatório da cidade de São Paulo	23
Figura 6	Papai Mungunzá tocando Tam Tam na roda de samba	25
Figura 7	Zara Tempo para juventude Preta	26
Figura 8	Tia Dita do Jongô	33
Figura 9	V Festa de Cosme, Damião e Doum	34
Figura 10	Deixa meu corpo contar como é atravessar a Kalunga	37
Figura 11	To perto do fogo que nem o couro de tambor numa roda de jongo (Rincon Sapiência)	38
Figura 12	Da direita para esquerda: Tambu, Caxambu e Candogueiros	39
Figura 13	Plantação do Baobá com TC Silva na Visita do Rei Oba Al-Marroof Adekunle Magbagbeola, Olumoyero Ilde Ifon-Osun, da Nigéria	41
Figura 14	Mametu Caçulinha da Oxum	42
Figura 15	Casal Baobá	43
Figura 16	Abrço de Baobás	44
Figura 17	Entrega do Caruru	45
Figura 18	Biblioteca Ilê D'Erê	45
Figura 19	Oxum vai a balada	45
Figuras 20 e 21	Plantação do Baobá com TC Silva na Visita do Rei Oba Al-Marroof Adekunle Magbagbeola, Olumoyero Ilde Ifon-Osun, da Nigéria; Encontros de Griôs e Pajés a primeira vez que toquei em uma Harpa Africana, Ngoni	46
Figura 22	Berço de filosofias. Vigésimo nono aniversário da Casa. Na sombra de um Baobá de 15 anos	47
Figura 23	Alegria é uma herança em comum	49
Figura 24	Aprendi a voar sem asas	50
Figura 25	Ensinei Terra e Mar (brincadeira de Moçambique)	50
Figura 26	Chica Juba nos terreiros	51
Figura 27	Chica Juba nas ruas. Comunidade em Conceição do Almeida	52
Figura 28	Emoyo Ye Kunamayanguí. Equivalência em Kicongo : A vida é como um Rio	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BN - Biblioteca Náutica na Baía de Todos os Santos

CBI - Casa do Boneco de Itacaré

KOFILABA - Koletivo Filhos e Filhas do Abassá

MNCR - Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis

MNU - Movimento Negro Unificado

MNPR - Movimento Nacional da Pessoa em situação de Rua

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO  - EXUZILHANDO COM AS FILOSOFIAS AFROANCESTRAIS	15
2	OBJETIVOS	17
2.1	GERAL	17
2.2	ESPECÍFICOS	17
3	CAPÍTULO   - DE ONDE FALO	18
3.1	PEDRINHA MIUDINHA DE ARUANDA AÊ	19
3.2	COM A BENÇÃO MAMÃE	20
3.3	COM A BENÇÃO DO MEU CHÃO	22
3.4	COM A BENÇÃO PAPAÍ	24
3.5	JOVEM QUE GINGA NA LINHA DA “KALUNGA”	25
4	CAPÍTULO    - CAJADOS TEÓRICOS QUE ME AJUDARAM A CAMINHAR	28
5	CAPÍTULO     - CAMINHOS QUE TRILHEI TERRA, ÁGUA E COMUNICAÇÃO	30
5.1	KALUNGA E AS ÁGUAS DAS MEMÓRIAS	30
6	CAPÍTULO      - SEPARA MINHA SAIA AZUL QUE VOU BRINCAR DE JONGO	33
6.1	RODA DE JONGO	35
6.2	A FLECHA PATRIMÔNICA ATRAVESSOU O MAR	36
6.3	O COURO FALADOR	38
6.4	AS CORPORALIDADES JONGUEIRAS	39
7	CAPÍTULO       - OBA OBA BABÁ, BAOBA OBA BAOBÁ	41
8	CAPÍTULO        - BIBLIOTECA NÁUTICA NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS	48
8.1	MAR ENTREVISTA A CHICA JUBA	50
8.2	A HISTÓRIA	51
8.3	O QUE APRENDEMOS?	52
9	CAPÍTULO         - UM SARAU PARA LALÁ	54
	REFERÊNCIAS	62
	ANEXO	69

1 CAPÍTULO - EXUZILHANDO COM AS FILOSOFIAS AFROANCESTRAIS

Não é possível pensar o dinamismo das tradições africanas, sem pensar em Exu, o dono do início, comunicação, desordem, confusão, o próprio movimento, dono do Falo e da boca do mundo, ele desperta a escolha, ela surge em forma de x entrelaça os caminhos. Dedico a ele um jongo de que fiz e é cantado em minha tradição:

Se mato ontem o pássaro com a pedra de hoje,
 Se mato ontem o pássaro com a pedra de hoje,
 Vou seguindo meu caminho, trilhando e subindo os montes,
 Vou seguindo meu caminho, trilhando e subindo os montes.
 Machado.

As cosmosensações africanas e suas influências brotam no Brasil de maneira peculiar, início esse grande espiral filosófico, exuzilhando* com Cidinha da Silva, Joselita Gonçalves Dos Santos - Dona Joca (2018), Katiúscia Ribeiro (2015, 2018), Eduardo David de Oliveira (2007, 2012), Felipe Arede (2008), Wanderson Flor Nascimento, Jair de Jesus (2018), Jean-Godefroy Bidima (2002) e com as contribuições da disciplina Filosofia da Ancestralidade ofertada na UNILAB Malês. Iremos navegar nas profecias Milton Santos (2000), com as águas das memórias, mergulhar no conceito de ritual com Sobonfu Somé, entender as brincadeiras e as danças afroancestrais com Sandra Haydeé Petit, atravessar com uma flecha só as heranças jongueiras com Dona Bina, Mestra Ana e Solemar. Após o regar, iremos colher afetos, passear em uma floresta de Baobás de gente, depois dos mais velhos voltamos as infâncias de encontro com as encruzilhadas Jongueiras, seus caminhos, os Vunjis (representação dos gêmeos na tradição Angola do candomblé) como guardiões do brincar e o corpo como Leda Maria Martins nos ensina como principal ferramenta das afrografias das memórias.

Convido que ao entrar nessa tenda, sem hora para terminar, seja acolhidx nesse mar de memórias, que possamos juntos mudar perspectivas de filosofar, com experiências éticas, apresentar a capacidade de produzir outros mundos, as pliversalidades das tradições dinâmicas dos povos africanos, elucidar a contribuição para o que hoje entendemos como as Filosofias das Ancestralidades; que carregam em seu útero o que OYĚWÙMÍ, Oyèrónké, pega do seu balaio, o conceito de cosmosensações africanas, e as raízes de resistência que durante a travessia da grande Kalunga (Mar dos mortos), conjuntamente com nossa união com os povos indígenas, zelamos por nossa capacidade de preservação dos sistemas de pensamentos, as

memórias em toda suas multiplicidades, o cuidado em organizar as singularidades dos povos, de cuidar da terra como nossa principal fonte de remédios, de brotar águas em nós, nossas formas plurais que não cabe em um mundo único.

No trabalho usarei os búzios para contar os capítulos, pontos em cada espaço, que é sugerido cantar, figuras para as pessoas que só sabem ler imagens e espíritos, poesias para aliviar a neurose, brincadeiras para ensinar a viver, quem vive melhor aprende a morrer melhor como ensinou Tiganá Santana, e sua linda Yιά Zulmira de Zumbá, a navegar pelas filosofias bantus e a ancestralidade afrobrasileira.

Se devemos pensar em nosso diálogo planetário, quem melhor para tratar disso se não o mensageiro, o hacker que é capaz de desprogramar qualquer sistema, Nzila! o que faz o que antes já havia sido pensado, e antecede o destino. O saci mais danado, a pimenta mais ardida, as subjetividades africanas que jorram vidas, a volta que o mundo deu, a volta que o mundo dá. Exu que é do querer, que não cabe em uma categorização, representa a figura que vem de maneira “acidental” e forasteira bagunçar e inverter a reprodução dos pensamentos hegemônicos, contestando os pontos de partidas.

O invoco e afirmo nesse trabalho não existem erros, nem acidentes, pois falamos o pretuguês de Lélia Gonzalez, não iremos fortalecer a colonização através da língua, uma língua anêmica que não consegue a equivalência e profundidade de nossas linguagens, o que importa aqui é nos comunicarmos com os nossos, brincar de passar a mensagem, receber e devolver o ponto.

Com ele peço a licença, para começar a bagunça.

2 OBJETIVOS

Apontaremos aqui os objetivos da monografia e performance.

2.1 GERAL

Apresentar e salvaguardar através do corpo brincante o jongo, evidenciando elementos das filosofias afro ancestrais com a contação de histórias.

2.2 ESPECÍFICOS

Realizar uma autobiografia com elementos lúdicos homenageando as pessoas mais velhas e as tradições a quem pertenço.

Ritualizar a conclusão do ciclo do Bacharelado em Humanidades.

3 CAPÍTULO - DE ONDE FALO

Uma brincante africana, desobediente, diaspórica, favelada, jongueira nova e filha, que sempre trabalhou, dentro e fora de casa, para família e para a comunidade, que em meio a reciclagem busca todos os dias exercitar as memórias das infâncias, que sabe que favela foi um nome de uma planta e que brincar pode proteger vidas.

Brincadeiras do Barracão

Figura 1 - Abassá Oxum e Oxóssi - SP. 2015.



Fonte: Acervo KOFILABA.

3.1 PEDRINHA MIUDINHA DE ARUANDA AÊ

De um Angolão raiz, dos antigos, enquanto catava água no Poço escuro e quebrava pedra, no beco de Dola em Vitória Da Conquista, se criou minha vó, Maria Conceição; afastada pelas ilusões, foi embora para São Paulo, deixou seu território, terra de Dona Zita, Mãe Fátima, teve que levar sua tradição e suas filhas, reconstruiu sua territorialidade em um bairro indígena, Grajaú, foi morar perto d'água para não esquecer suas memórias, sabia que água é mãe e poderia sustentar sua família.

Figura 2 - Casa da Mãe Fátima celebrada em Vitória da Conquista 2011

TABULEIRO PARA OMOLU



Fonte: PASSOS, F. J. (2012).

Para saber mais da minhas raízes, ler Beco de (Vó) Dola: Territorialidade e Ancestralidade Negra em Vitória da Conquista de Flávio José Passos que em 2012 escreve sobre as minhas raízes em Vitória da Conquista:

<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3423/1/Flavio%20Jose%20dos%20Passos.pdf>

3.2 COM A BENÇÃO MAMÃE

Mamãe me disse que jongo é o tempo.
 Então deixa eu jongar pra “caba” com o sofrimento.
 Eu pisei firme pra não cair,
 ô tempo pode vim que eu tô pronta pra passar.
 Zara Tempo, jonga ele,
 Zara Tempô, deixa ela jongar.
 Machado.
 Águas de minhas memórias.

Ela a grande Dona Mara, a contadeira, filha de Angorô, a catadora, a que escreve e muito lê. Mesmo sem escolaridade, mamãe sempre foi uma leitora assídua, em meio a catação e no fluxo do tráfico de drogas, sempre lia, suas amigas e amigos que pararam no sistema carcerário não eram abandonados, graças as cartas que ela passava tardes escrevendo, foi assim que decidi me letrar, para poder enviar cartas para ela.

Com a adoção das minhas irmãs e irmãos, a forma de mamãe corrigir é diferenciada, sempre com provérbios e com histórias que nos deixam reflexivos, rígida e exigente, não demonstrava a vida fragilizada que Milton Santos (2000) elucidou com o conceito de perversidade sistêmica, mas em meio ao trabalho compulsório, para nos manter e cuidar da gente, era possível entender estávamos ali, que pertencemos a história, seríamos humanos incríveis pois éramos seus filhxs. Às heranças baianas sempre seguiu nossa ancestralidade, a forma que aprendeu, ela me ensinou, transformou em cores minhas dores e me fez gente.

Figuras 3 e 4 - Cata papel, papelão e sonhos, ela recicla histórias



Fonte: Acervo Cooperativa Granja Julieta Nossos Valores (2010).

3.3 COM A BENÇÃO DO MEU CHÃO

Em terra em que as mulheres se destacavam por cuidar das suas crias* e da natureza, fomos parar na beira de um córrego, em um bairro com nome de pedra preciosa, Vila Rubi distrito do Grajaú, extremo sul da cidade de São Paulo, lá cresciam histórias, frutos de mulheres baobás*.

Conheça a história do bairro - Grajaú - História do bairro de São Paulo:

<https://www.youtube.com/watch?v=8s35aXMSz7E>

Elas montaram o bairro com as próprias mãos, a esquerda de minha casa, morava Vera (uma cabocla com cabelo lisinho, mãe de leite da gente) que foi uma das primeiras a chegar, depois que mamãe conversou com ela, decidiram que iam construir, lembro de um mutirão poderoso e em uma noite (como era ocupação) nossa casinha estava pronta. PETIT. (2015 p.77) explica que os mutirões também são práticas ancestrais, com o elo comunitário vira e mexe resultaram em danças:

O bater no chão faz lembrar os antigos mutirões para as construções das casas, prática que ainda persiste em vários quilombos e regiões interioranas, onde se costumava dançar a noite toda para bater os pisos das casas, promovendo assim a prática da dança do coco e fortalecimento do elo comunitário.

Nosso quintal era o “fluxo” com pouco saneamento básico, sofríamos com as enchentes, nossa casa era literalmente em cima do córrego. Lembro que toda semana rolavam histórias, principalmente quando estava muito frio, passávamos a tarde pegando madeiras, para de noite sentar e escutar, quando chovia muito lá em casa não alagava, tinha dia que todas as crianças estavam lá, por ser a única casa “segura”, mesmo sem porta, com uma cortina de chita que cobria nossa casa, remendávamos telhados com chicletes, sempre tinha pipoca, sopa, algoquentinho.

Figura 5 - Represa Billings que faz encontro com a represa Guarapiranga - Importante reservatório da cidade de São Paulo



Fonte: huffpostbrasil. Bairro Lago Azul.

Nossa alegria era sentida pelo nosso chão, construído por mulheres e crianças faveladas, nas nossas vivências comíamos com as mãos, sempre sentados no chão, em sintonia com toda a vizinhança, a vida acontecia no quintal, em que hoje percebo a sintonia com as tradições africanas que brotavam do nosso chão. Aos que pensam em chão como símbolo de subalternização, PETIT (2015, p.91) desconstrói ao nos convidar para pensar a humildade do gesto:

Convém lembrar, também de que se ligar ao chão é também sinal de humildade, de reconhecimento do respeito que devemos aos nossos antepassados e a origem das coisas. Por isso, nessas culturas, tradicionalmente eram e ainda são comuns atos como o de sentar no chão, deitar rente ao chão (em esteira), e tirar os sapatos para pisar o chão de espaços sagrados e/ou dignos de particular respeito.

Lembro que também foi o processo de organização do crime em SP, com grandes mudanças nas dinâmicas do nosso bairro. Hoje percebo que não era a casa, mas as histórias e estórias que transformaram nossas experiências em um “lugar seguro”. Sem tempo para ser adolescente e com 12 irmãos, cheia de tarefas já catava em caçambas, muambava nas feiras, juntava garimpo³ da reciclagem, depois do dia cansativo de trabalho, a noite reservava grandes

histórias, brincadeiras e desafios, como diria Conceição Evaristo (2005), foi a escrevivência de mamãe não deixou a peteca cair.

3.4 COM A BENÇÃO PAPAÍ

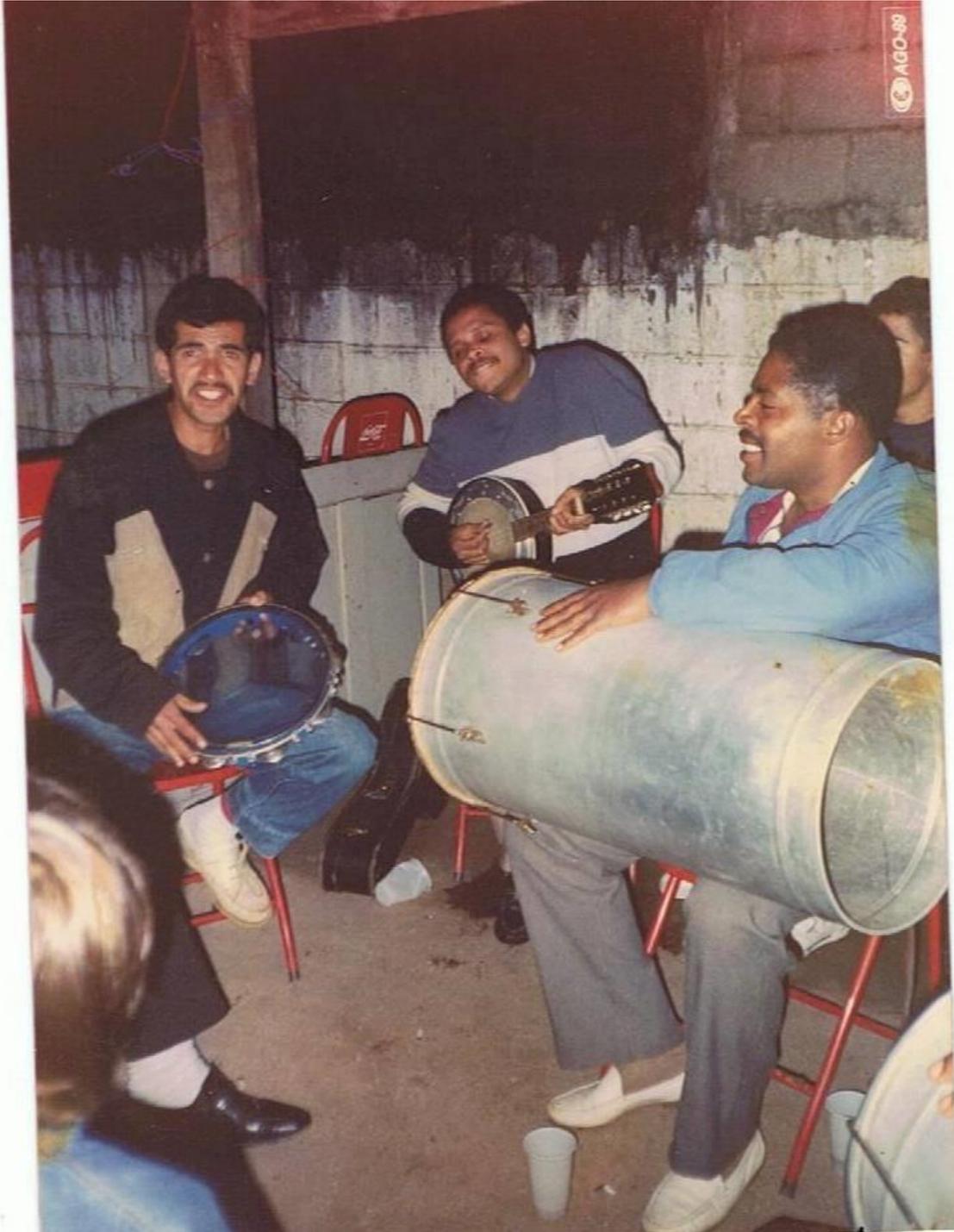
‘Todas as árvores morrem de pé,
tomba cá jongo no pé, tomba cá.

Machado’.

Águas de minhas memórias.

Sobre Papai, ele carregava um apelido Kimbundo: *mu’kunza*, como falamos Munguzá, me ensinou que recebeu por amar milho cozido, com mãos de tambores, filho de Lembá, Dona Divina e Pedro, paternidade é um campo dolorido das minhas memórias, mas dele pude herdar um dos meus dons mais significativos da minha identidade, o mesmo me ensinou aos meus 7 anos, um saber civilizatório africano, a comunicação em nossa musicalidade. Com linhagem mineira, me ensinou como o tambor fala, e como diria Cidinha da Silva (2018), batida de tambor mineiro tem quatro jeitos. Ele geme a dor, o lamento a agonia. Tem batida de festa, de louvação, de alegria. Tem batida de fé. E tem o aviso de perigo*. Ele depois de muito me ensinar a decifrar as codificações sonoras, morreu ainda em minha adolescência, era sua única filha, após vencer um câncer, sem tempo, me disse: o show tem que continuar.

Figura 6 - Papai Mungunzá tocando Tam Tam na roda de samba



3.5 JOVEM QUE GINGA NA LINHA DA “KALUNGA”

Pra curar ferida aberta,
tem que costurar,
eu sei que dói samba lelê,

mas tem que curar.

Machado!.

Águas de minhas memórias.

Zara Tempo, para entender a vida, adolescência com hematomas, cada vez que ginguei na linha da Kalunga, a juventude por um fio, o aprendizado sobre amar, a resistência do corpo jovem, o enjoo do mar que não passa, o banzo* que de vez em quando sequestra a alegria, me tornar jovem me trouxe medo, e isso ainda não passou.

Uma vez ouvi que a vida parece um jogo de búzios, tem horas que estamos no sacolejar das mãos, minha juventude foi um período de mudanças, fui despejada de onde morava, a cooperativa em que trabalhava sofreu um incêndio criminoso em 2009, sem investigação perdemos o espaço de trabalho, com a morte de papai e fragilizada vi que precisaria me ancorar nos nossos valores, dessa forma as brincadeiras se tornaram meu refúgio.

Figura 7 - Zara Tempo para juventude Preta



Fonte: Acervo pessoal (2015).

Brincar se tornou minha sankofa*, o útero fora de minha mãe, minha existência, a coletividade de aprender a lidar com cada pessoa que participa da comunidade, isso veio do território da brincadeira, a cantoria, a dança, o bater das palmas, a esquiva do banzo, fazer germinar a alegria, são aprendizagens que regados de valores civilizatórios, me elucidam que faço parte da roda, que sou gente, que pertencço a natureza e que ela também se mostra de forma circular.

4 CAPÍTULO - CAJADOS TEÓRICOS QUE ME AJUDARAM A CAMINHAR

A pesquisa está sendo conduzida de forma qualitativa, baseada em educação afrocêntrica e etnoaprendizagens que usa o jongo como veículo de conversa e aproximação, com uma autobiografia reconhecer as narrativas presente em minha família como conceituais, o contato que tenho com inúmeras pedagogias que colhi, no meu bairro, no meu Abassá (terreiro) e com as mais velhas e mais velhos. No centro da roda, penso na minha jornada, penso nos caminhos com os valores civilizatórios africanos como combate a colonização.

O mais importante que a chegada é a jornada, a capacidade de “compar-trilhar” os caminhos, assim é encarado o que entendemos como currículo, Roberto Sidnei Macedo e Sílvia Michele Macedo de Sá , são os que discutem sobre a colonização e a importância das etnoaprendizagens e etnocurrículos para o reconhecimento de outras aprendizagens que fogem da legitimidade colonial, que reforçam que existe um lugar ideal para aprender, entretanto Roberto e Sílvia demonstra que ao legitimar a aprendizagens, partindo das vivências, experimentações, experiências, estimulam as múltiplas possibilidades de aprendizagens, ancorada em tradições, costumes e também em seus métodos e práticas.

O combate ao fenômeno sistêmico racismo, segundo o Professor Dr. Gabriel Swahili em uma palestra que acompanhei sobre a importância da educação afrocêntrica, no grupo de pesquisa em educação afrocentrada organizado por Ricardo Benedito em março de 2019, elucidou o papel da afrocentricidade, que resultaram em sete pontos das pedagogias afrocentradas.

- 1) legitimar as fontes africanas de conhecimento.
- 2) explorar positivamente e oferecer suporte para a comunidade produtiva e suas práticas culturais.
- 3) ampliar e reforçar a linguagem nativa.
- 4) reforçar os laços comunitários e fortalecer serviço para família, comunidade, nação, raça e mundo
- 5) Relacionamentos sociais positivos.
- 6) Transmitir uma presença de mundo que almeja um futuro positivo e auto suficiente para seu próprio povo, sem negar a autoestima e o direito de autodeterminação de outros povos.
- 7) Apoio a continuidade cultural.

O jongo como ferramenta de aprendizagens coloca em prática os sete passos citados por Gabriel e vejamos, lembrar sim do cativo, mas não colocar apenas o povo preto em condição de derrotado, mas rememorar também a força de organização e preservação dos seus valores civilizatórios mesmo em condições de retirada de humanidade:

Nas águas do oceano,
de longe eu avistei. 2x
Trazia um jongueiro que na África foi Rei. 2x

machado!

A resposta para o combate ao racismo pode ser encontrada no jongo. O jongo está no centro, localizado no ponto de convergência entre as pedagogias afrocentradas (aqui incluída as pretagogias, pedagogiras, pedagogingas), indigenagogias, são caminhos, que em roda espiral em um ciclo virtuoso, alimenta a comunidade, é estar no centro da roda, as ancestralidades, reconhecer e legitimar a busca dos preceitos culturais das ancestralidades afrobrasileiras.

5 CAPÍTULO - CAMINHOS QUE TRILHEI TERRA, ÁGUA E COMUNICAÇÃO

5.1 KALUNGA E AS ÁGUAS DAS MEMÓRIAS

Favelada brincante, intelectual desobediente, quem me escolheu e me ensinou que ninguém nasceu para o cativeiro, armário e trancas foi O Quilombo Dom João, lugar de luta de marisqueiras e pescadoras e pescadores em São Francisco do Conde, lá aprendo sobre liberdade, com seu espírito de criança minha Vó do mangue, Dona Joca me pergunta: Ô Lalaá o que você tem para contar? São as memórias que respondem, tudo que colhi durante minha trajetória e o pouco que consegui semear, minhas afrografias ou seja a forma Preta de viver e de contar as histórias que me rodeiam, lá tudo isso toma forma, Kintu, como nós bantus acreditamos que as lugares também são forças e o chão do Dom João é um solo sagrado. Fu-Kiau (2015, p.8) um grande filósofo Bacongo nos ajudam a trilhar ao explicar a importância do solo:

Qualquer coisa feita do equilíbrio - Kinenga do mais interno do solo é sagrado e não pode perturbar a vida dentro e em torno de nós. E muito mais, diria um Muntu, nós somos sagrados porque nosso solo é sagrado e inalienável. Por causa dessa sacralidade e inalienabilidade desse solo (seu mundo natural particular), os Bântu mantinham seu solo, o sustento de todas as vidas, como uma inalienável comunidade. Ninguém podia colocar um preço nele. Era a precaução para evitar abuso e ganância: “o solo não era mercadoria para ser comprada e vendida; o solo era inalienável no sistema tradicional.p8

A nossa prática é estar em roda, ouvir histórias, aprender com elas, nos aproximar de quem veio antes, aprendi isso na UNILAB - Malês, com minha trajetória com o Prof. Dr. Acosta Leyva, não se existe sozinho, isso é UBUNTU, entregar baobás aos terreiros, caminhar juntos, não importa o tempo que demorar, existo pois sou nós, não dá para narrar é preciso fazer, quando a ancestralidade chama, a memória responde é assim que mantemos, preservamos, salvaguardamos nossas histórias.

A Kalunga como aprendi com Tiganá Santana é a força que transbordou o vazio, antes de saber disso, havia aprendido que Kalunga era o grande Mar que diferente da Mãe Maré, são as profundezas que recolhem os espíritos, ela é também uma boneca do Maracatu, um Quilombo em Goiás. Afinal de contas o que é a Kalunga?

Irei elucidar como flui em meu quintal, a Kalunga se apresenta como um portal de rompimento, quando brota nada pode impedir, a Kalunga são águas, que quando rompem o vazio fazem circular memórias, a água como fluído transformador, o portal da transformação,

a Kalunga, recebemos por esse movimento os códigos de sobrevivências milenares. Para os Bacongos a totalidade das totalidades é entendida como uma presença divina explica Fu-kiau (2015 p.2) :

O povo Bântu, Kôngo e Luba, entre eles, aceitam o mundo natural como sagrado em sua totalidade porque, através dele, eles vêem refletida a grandeza de Kalûnga. A energia superior de vida, aquele que é inteiramente completo (lunga) por si próprio. Assim, quando um Mûntu (ser humano) vê um minúsculo cristal (ngêngele) ele/ela vê nele, não só sua sacralidade, mas também a presença divina de Kalûnga.

Vamos trilhar pelos aprendizados que recebi da Cia Capulanas de Arte Negras no seu livro: **Mulheres Líquido: Os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra.** Quando fizeram formações com a cooperativa de reciclagem em que trabalhava.

Ao pensar em águas não podemos deixar as mulheres líquidas (respeitando as mulheres trans e suas subjetividades) de lado, Elas centralizam, são fontes reais de lágrima, saliva, suor, sangue, gozo e leite. Águas que quando não circulam, adoecem o corpo, corpo terra, que precisa ser regado pelas águas de cura. Quando nos é negada a voz (Dona Joca me disse: ninguém pode roubar sua fala), suas águas circulam e dão sinais de como está seu corpo terra, essa conversa ancestral, de autoconhecimento, esguicham forças vitais de revisitação e celebração da ancestralidade.

Aprendi que a Kalunga, os ancestrais, os rompimentos são os tecidos que nos envolvem o mundo natural para os Bantus é a totalidade das totalidades amarradas como um pacote (futu) por Kalunga, a energia superior mais completa, dentro e em volta de cada coisa no interior do universo (luyalungunu) Fu - Kiau (2015, p1).

Para a percepção da Kalunga em nós, utilizaremos o cantar, aprendizados estimulados por Taissol Zyggy que é jogueira nova e parte do Sarau das Pretas- SP, Naruna Costa integrante das Capulanas, grande inspiração melódica, Maine Jesus com seu trabalho Baobá memórias de Tempo, Mariele Cristina Conceição (Mar) com sua força de vontade de expressar seu cantar em seu projeto como plantamos um Baobá Vó?, Jusciane Aparecida no projeto: Musicalização como estratégia para implementação da lei 10639/2003 (lei que exige que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar) nos espaços da educação infantil, que lindamente inspiram cantorias no nosso cotidiano, as mestras e mestres jogueiros que cantam e encantam meu viver.

O corpo terra em movimento com as aprendizagens de pedagogingas com Mestre Pinguim, que herda de Mestre Gato Preto as forças do recôncavo, me ensinou a me manifestar e passou o bastão para Mestre Monza que me acolheu em suas rodas de danças e tem me tutelado

como bailarina de minha ancestralidade. Mestre Monza me diz que fundamento é dançar, não encostar na parede no momento dos cansaços, entrar em um estado gasoso de conexão, é suar para relembrar as águas das memórias.

A oficina do Mestre Paco Gomes no XVII Caruru de Ibeji e as Pedagogias de comemoração de 30 anos na Casa do Boneco, que interpretamos Oxum vai na balada, em que fui apresentada de representar a própria Oxum, me fez relembrar a importância dos espaços tradicionais de aprendizagens, como aconteceu no lançamento da Escola do Tambor, o corpo terra em movimento bailando para ancestralidade.

Teatros Pretos como ferramenta de descolonização, é dolorido mas é eficaz, foram com espetáculos : "Contos de Azeviche" da Escola de Teatro da UFBA, Sangoma: saúde às mulheres negras, encenado por Capulanas Cia de Arte Negra e Engravidei, Pari Cavalos e Aprendi a Voar sem Asas da Cia Os Crespos, escritos por Cidinha da Silva que me estimularam a seguir uma linha performática de apresentação do projeto Kalunga: O brincar das corporalidades jogueiras nas águas das memórias.

6 CAPÍTULO - SEPARA MINHA SAIA AZUL QUE VOU BRINCAR DE JONGO

Olha lá que lua linda,
separa minha saia azul.
Escutei os tambô chamando eu,
hoje tem jongo do Embu.
Machado.
Águas de minhas memórias.

Subindo o morro de terra escutando o couro comer, fui apresentada a uma família preta que praticava jongo como sua tradição. Estava frio, cheguei ao fundo de quintal, recepcionada pelo dinamismo da roda e uma canjiquinha para esquentar a alma. A comunidade de Embu das Artes tem suas raízes fincadas na tradição jongueira, Mestre Dita havia passado o ofício aos seus dois filhos Mestre Gil responsável pela comunidade de Piquete e Mestre Sol responsável desde 2008 pela Comunidade que usa o azul como sua cor, na cidade de Embu das Artes, o legado dessa saia da é salvaguardado por suas irmãs, filhas e filhos, netas e netos pelo Estado de São Paulo, o Tempo não permitiu que nos conhecêssemos, ela desenhou e costurou minha saia azul, nesse mesmo azul, sacio a sede em suas águas .

Figura 8 - Tia Dita do Jongo



Fonte: Acervo Comunidade de Jongo Embu das Artes (2010).

Ao me aproximar das mestras Sol e Tia Ana, fui regada de conselhos, sobre como uma jogueira nova deve se portar na roda, já que é uma brincadeira de velho e que antes a juventude e as mulheres eram proibidas de participar. Lembrei de Mametu Caçulinha da Oxum que me narrou, as fugas quando vivia no Rio de Janeiro para as rodas de jongo, no qual seu pai a proibia. A minha afobação por tamanha força, foi contida pelas mais velhas, ali entendi que para me tornar uma jogueira nova, eu ia precisar rever o meu caminhar até ali.

Figura 9 - V Festa de Cosme, Damião e Doum



Fonte: Acervo Comunidade de Jongo Embu das Artes (2018).

Devagarinho fui encontrando os meus chamados, a decisão da festa da nossa família ser Cosme e Damião foi um dos caminhos para o encontro com os Vunjis (Espíritos crianças ancestrais), mesmo que na tradição o sincretismo nos atravessa para mantermos nossas brincadeiras, não demorou muito para achar os carurus das minhas histórias e minha verdadeira relação com os espíritos crianças.

A casa que tem bandeira é a que possui fundamentos para se fazer uma roda de jongo, é o tempo que coroa, para isso seria necessário mais que uma vida para tentar explicar o que acontece no brincar ancestral, as batidas vibram do chão até o umbigo, compartilhado com sorriso, sentir o coração cantar, com humildade, as águas das memórias se aproximam, fazendo a ligação, conectando as raízes, batendo papo de lá atrás.

Essa casa tem coroa,
 Essa casa tem bandeira,
 Nossa Senhora do Rosário é a nossa padroeira.
 (Comunidade Jongueira de Piquete)

6.1 RODA DE JONGO

A vida é circular, viver é sentir a constante movimentação do universo, da terra, dos nossos sentimentos. A roda de jongo é um ritual, em que saúda os ancestrais, expressa nossas manifestações. É o espaço de florescimento das vidas, e no campo da intimidade, nos conectam com os nossos seres, com nossa comunidade. Para Sobonfu Somé (1997, p.53), Mulher africana de Burkina Faso a intimidade é impossível sem um espaço de ritual, a seguir o que ela entende como sendo um ritual: “um ritual é uma cerimônia em que chamamos o espírito para servir de guia, para supervisionar nossas atividades. Os elementos ritual nos permitem estabelecer a conexão com o próprio ser, com a comunidade e com as forças naturais em nossa volta”.

A roda de jongo se forma para se tornar esse espaço intimista, em que estamos protegidos pelos que já estiveram nesse chão, e também por nós mesma(o)s, em nosso espaço natural, não temos a percepção de costas para a (o) outra (o), o que temos é o pedido de licença para entrar, a aproximação do atestado de humanidade, umbigada, os pés recebendo as vibrações do tambu, do caxambu e do candongueiro, a garganta aberta para expressar.

A expansão dos sentidos para manter a prática ancestral é simbolizada na roda, dentro dela existem suas alternâncias, fazendo que a mesma seja cíclica, quando se retorna ao toque inicial já houve a transformação, já trocaram -se os pares, já é hora de outra. PETIT (2015, p.100) explica sobre esse movimento que também apresenta-se na natureza:

O movimento de contração e de expansão é próprio não somente da nossa respiração, mas também da natureza e do universo como um todo, o equivale dizer que a natureza funciona de forma circular, pelos ciclos diferenciados que se alternam de modo sempre igual e diferente, pois dentro de certa estabilidade dada pela repetição de fenômenos, ela se apresenta a todo momento em movimento, e mesmo quando retorna não volta igual.

Na roda de jongo existe ginga, brincadeira, cura e educação, não é qualquer um que brinca, existem hierarquias, senhoridades, encantos e comunicação, a roda é lugar de descobertas, conforme a maturidade, mais faz sentido o viver em/a roda. Vejamos como atravessamos a

linha de reconhecimento ancestrais, elucidada por SOMÉ (1997, p.55):

Quando se quer entrar no mundo do ritual é preciso reconhecer a existência de toda uma linha de ancestrais, de um mundo de espíritos em nossa volta, espíritos do mundo animal, da terra, das árvores e assim por diante. Se a pessoa disser para essas forças “venham e unam-se a nós, para que possamos nos abrir e realizar algo” então já estará em um ritual.

A capoeira é Mãe e teve muitos filhos, estamos contando a história do jongo, mas no sudeste também teve samba e seu netinho batidão de funk, com as bases nos tambores, são ritmos Bantos. Jongar é repassar um recado ancestral, em cada gesto, um ato em cada sinal uma passagem da história, registrada e repassada, como as cores das saias, a levada no dançar. Existe um ponto nessa encruzilhada, a ciência da relação íntima com a ancestralidade, brincar de jongo é também utilizar das brincadeiras para resolução dos problemas das nossas comunidades.

6.2 A FLECHA PATRIMÔNICA ATRAVESSOU O MAR

O Jongo é de origem Bantu, o Professor de Kimbundu Niyi T. Mon'a-Nzambi , em conversa pessoal, explica que a palavra ‘Dyongo’ é equivalente a flecha, o que também cabe ao que hoje entendemos como Jongo, já que é um conjunto de segredos que compõem a tradição oral, sendo o poder da palavra um eixo fundamental da brincadeira. Hampaté- Bâ (1982, p.183-187), explica que a tradição oral é a grande escola da vida em que o mundo é concebido como um todo, em que todas as coisas se religam e interagem, a fala segundo ele é a materialização, ou exteriorização, das vibrações das forças. A ação mágica seria a manipulação dessas forças.

Figura 10 - Deixa meu corpo contar como é atravessar a Kalunga



Fonte: VI Congresso Baiano de Pesquisadores Negros. Foto do Olhar Orgânico. UFSB. 2017.

A cada ponto é uma flechada, que pode ser um elogio, um sinal de alerta, uma notícia, uma memória em comum da comunidade, vejam só, no jongo os pontos são apresentados de forma codificada em que é necessário compartilhar das experiências. No final de cada ponto, fecha as cantorias com uma palavra de ordem, pode ser cachoeira, machado entre outras. A Comunicação como um eixo fundamental para brincar de jongo, é preciso sagacidade, coragem, respeito e criatividade, valores exercitados com a comunidade, com a barriga formigando, mente enroscada de múltiplas ideias, quando a língua coça, e quando o saci está perto, aí que a falação vai a noite inteirinha.

Vem pro jongo,
venha ver,
conheça nossa história pro jongo não morrer.
machado!
(Comunidade Jongo Embu das Artes)

6.3 O COURO FALADOR

Olha ai o meu Tambu,
Caxambu e candogueiro.
Depois que puxa o ponto,
enche a roda de jongueiro.
Machado.

(Comunidade Jongo Embu das Artes)

A saudação aos ancestrais pela conquista da liberdade é simbolizada ao iniciar a roda, o cumprimento dos tambores que em nossa comunidade os principais: O Tambu (o coração do jongo), Caxambu (mediador) e o Candongueiro (o que repica), no sentido anti-horário, após pedir licença são o que conversam com nossa geração, é através da comunicação dos couros que recebemos os recados ancestrais, as flechadas que atravessaram a Kalunga e o Tempo.

As tecnologias ancestrais tais como os tambores, são os batimentos, o coração da espiritualidade, de madeira (uma árvore) e o couro (pele animal) são combinações que exigem dos brincantes reverência e respeito.

Figura 11 - To perto do fogo que nem o couro de tambor numa roda de jongo (Rincon Sapiência)



Fonte: Acervo Comunidade Jongo Embu das Artes (2015).

Figura 12 - Da direita para esquerda: Tambu, Caxambu e Candogueiros



Fonte: Acervo Comunidade Jongo Embu das Artes (2017).

6.4 AS CORPORALIDADES JONGUEIRAS

O jongo é uma dança do tempo do cativoiro,
da fazenda da sinhá do Preto Velho mandigueiro.

Se tocava o Tambu e uma roda era formada,
nega bonita chama o nego na dança da umbigada.

Machado!.

(Comunidade Jongo Embu das Artes)

As corporalidades jongueiras torna a brincadeira o veículo do encantamento da vida, em que a ritualização do natural se torna parte do cotidiano, a alegria, desobediência sinalizadas no corpo, descobrir que somos nós a Kalunga. os conflitos, a ancestralidade são remexidas em cada movimento, em cada embate, a retomada na memória de quem somos, a sacralidade que flui em forças ancestrais como um rio de energia vital e mistérios e mandigas.

Vamos fazer as coisas mais do nosso jeito, vamos reconhecer as escolas da vida, a Terra envolvida pela Kalunga, Mãe Maré cuidando da Terra Cura é Kayala que cuida de Kavungo, a

vida envolvida pelos que já morreram, pois como conta Fu kiau (2015, p.2) nos convida a compreensão das trilhas da ancestralidade ao dizer :

O conceito Bântu -Kôngo da sacralidade do mundo natural é simples e claro. Tem -se que deixá- los definir o nosso planeta com suas próprias palavras: “Aos olhos do povo Africano, especialmente aqueles em contato com os ensinamentos das antigas escolas Africanas, a Terra, nosso planeta, é futu dia n’kisi diakânga Kalûnga mu diâmbu dia môyo, é - um sachet (pacote) de essências/remédios amarrados por Kalûnga com intenção de vida na Terra.

E depois o autor vem outra pergunta que martela a mente: Não é humanidade constituída por mais mortos do que vivos?

PETIT (2015 p.71 -102) explica que a circularidade se torna o princípio síntese do corpo dança afroancestral e que os brincantes têm ciência da relação com sua ancestralidade, que a mandinga seria lidar com o transitório e com as adversidades da vida, com astúcia e agilidade que fortalece a capacidade de transcender a tentativa de redução e aniquilamento é um conjunto de saberes que são manifestados no corpo.

Dançar jongo é ouvir os que sabem o caminho, reconhecer as falhas e se tornar uma geração melhor, pisar devagarinho, lembrando a intimidade para compreensão de uma aldeia que ritualisticamente acolhem com intimidade. Todo o conceito de intimidade é fundamentalmente derivado do ritual. Fora do ritual, nada pode ser verdadeiramente íntimo. É por isso que na aldeia toda emoção é ritualisticamente compreendida (SOMÉ, 1997).

7 CAPÍTULO - OBA OBA BABÁ, BAOBA OBA BAOBÁ

Tô voltando pra casa com um pé de Baobá,
 tô voltando pra casa com um baobá.
 Oba oba Babá!
 (Cantiga que aprendi com o Mestre TC)

Figura 13 - Plantação do Baobá com TC Silva na Visita do Rei Oba Al-Marroof Adekunle Magbagbeola, Olumoyero Ilde Ifon-Osun, da Nigéria



Fonte: Lala, Sarah Morato e Mestre TC. Campinas. nov. 2014.

O Jongo foi minha ferramenta para encontrar minhas raízes, ele me proporcionou o encontro com os Baobás, se fez como caminho para que pudesse beber das fontes de saberes. No berçário de baobás da Casa de Cultura Tainã, germinou o primeiro Baobá que plantei, de lá Mestre TC me repassou um recado e me deu três sementes. Fu kiau (2015, p.3) explica que ao adentrar nas florestas é preciso descobrir caminhos que não foram abertos pelos ancestrais:

Adentrar uma floresta familiar é percebido como andar nos passos dos ancestrais. É descobrir o que eles conheceram transmitiram para nós, mas também encontrar saída onde eles deixaram fechado de modo que possamos caminhar em direção as mais descobertas para as necessidades de nossas gerações e aquelas das gerações futuras. Porém lá é mais que isso.

Foi semeando que aprendi, recebendo sementes, me aproximei da Terra, Água e Comunicação, compreendi a importância de tudo isso ser salvaguardado, que o Baobá é futuro.

Esse Capítulo vem ritualizar as saudações As Mestras e Mestres Baobás que encontrei no meu caminho.



Em memoriam de Mametu Caçulinha, *Vai dar tudo certinho minha filha*, ela me cantava Jongo das antigas, me ensinou a rezar para o Tempo, sempre me achou perfumada, amava minhas troxas na cabeça, foi minha vovó de Nkises, me aceitou e entregou o cuidado com as crianças do barracão, compartilhamos do amor pelos Vunjis. Seu Abassá fundando em 1966 é um território em Matriz Africana, das tradições e do Povo Bantu, integrante do Movimento Nacional Nação bantu - Monabantu, fui parar lá com graças ao mais velho Renato Kilombola, sempre abrindo meus caminhos esse menino de Nkosi.

Figura 14 - Mametu Caçulinha da Oxum



Fonte: KOFILABA (2015).



Mestra Regina Lúcia Santos e Miltão Barbosa

Esses me iniciaram nas discussões raciais e na vida, como contar deles, se quando estou perto só faço ouvir, Regina me conta como foi estudar na USP no final da ditadura nos anos 80,

afrodidata, suas lutas contra o epistemicídio da população preta e as movimentações estudantis, ela me conta como foi/é guerrear contra o racismo. Depois de muitas águas, tem vinte e três anos que conheceu Milton Barbosa e quando estão juntos é possível entender os caminhos de afetos afrocentrados.

As discussões interseccionais, o reconhecimento das catadoras como uma coletiva de Mulheres Pretas conceituais, foi o que me ganhou, recebi as primeiras instruções sobre Universidade em uma formação do Movimento Negro Unificado, que os dois promoveram na Cooperativa Granja Julieta Nossos Valores. São Baobás urbanos, reagindo contra todas as violências cotidianas, como foram as marchas: para a conquista do dia 20 de novembro na cidade de São Paulo, contra o apartheid, contra o genocídio do povo preto, ouvi falar de Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Milton Santos, lei 10.639/03, histórias de guerra, de luta e luto, de afrontamento e força, de sensibilidade e afeto. O trabalho de base é o lema da causa UBUNTU deu certo meus véios, tô dentro.

Leia mais: <https://www.geledes.org.br/miltao-do-mnu-um-pouco-de-historia-nao-oficial/>

Figura 15 - Casal Baobá



Fonte: Regina Lúcia e Miltão Barbosa - Acervo pessoal.



Mestre Jorge Rasta

No aniversário de 30 anos da Casa do Boneco de Itacaré, através do Onilu (Mão de tambor) Onilétò que convidou a UNILAB, desaguamos no XVII (décimo sétimo) Caruru de Ibejis e as pedagogingas. Uma semana marcante de aprendizagens, guiada por Mestre Jorge Rasta, a casa é um ponto de acolhida de múltiplas consciências, fonte de epistemologias, descobrimos como fazer tinta de terra, manusear bonecos, produzir tambores, abayomis, comunicação com rimas, rádios e tvs, trabalhamos com as memórias através do corpo. Dona Joca nos acompanhou. CBI é um galho da Comunidade de Terreiro do Campo Bantu-Indígena Caxuté – Costa do Dendê, ambas localizada no Baixo Sul da Bahia, o culto aos Vunjis equivalente aos Ibejis dos Yorubás, é um rio de possibilidades que é mantido de forma caprichosa e ancestral. Aqui reconheço a força do Baobá Mestre Jorge Rasta.

Figura 16 - Abraço de Baobás



Fonte: XVII Caruru de Ibejis e as pedagogingas (2018).

Figura 17 - Entrega do Caruru



Fonte: XVII Caruru de Ibejis e as pedagogingas (2018).

Figura 18 - Biblioteca Ilê D'Erê



Fonte: XVII Caruru de Ibejis e as pedagogingas. 2018.

Figura 19 - Oxum vai a balada



Fonte: Mestre Paco Gomes. XVII Caruru de Ibejis e as pedagogingas (2018).



Mestre TC

É um Afronauta Griô, musicista, mãos de tambor que espalha as sementes em sua Baobáxia, reverência máxima com os ancestrais, assim como sua linda Mãe, que era conhecida como Dona Geralda, ela viveu mais de cem anos, ele é filho de uma Baobá, Pilar da Casa de Cultura Tainã, negrossauro da luta em Campinas, plantou em mim o desejo de baobafricanizar minhas experiências e a fazer o mundo mais do nosso jeito.

Vamos assistir o Mestre? <https://www.youtube.com/watch?v=05hxpVVBXVM&t=161s>

Figuras 20 e 21 - Plantação do Baobá com TC Silva na Visita do Rei Oba Al-Marroof Adekunle Magbagbeola, Olumoyero Iide Ifon-Osun, da Nigéria; Encontros de Griôs e Pajés a primeira vez que toquei em uma Harpa Africana, Ngoni



Fonte: Acervo Casa de Cultura Tainã. Mestre TC e Lala. Campinas. nov. 2014.

Figura 22 - Berço de filosofias. Vigésimo nono aniversário da Casa. Na sombra de um Baobá de 15 anos.



Fonte: Acervo Casa de Cultura Tainã (2018).

8 CAPÍTULO - BIBLIOTECA NÁUTICA NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS

Quando cheguei até UNILAB no campus dos Malês em São Francisco do Conde, conheci uma grande guardiã de memórias, uma biblioteca que mesmo com pouca idade, já guardava em si os desejos do mundo. Cristiane Santos Souza, aprendiz de sua Vó, concretizou um ato simbólico e ancestral, salvaguardar as memórias que as águas movimentam na Baía de todos os santos, com uma tripulação em sua maioria de mulheres pretas comprometidas e dispostas a ouvir, escutar, ficar em silêncio e guardar o que vem das águas. Ela coordena a Biblioteca Náutica na Baía de Todos os Santos, uma biblioteca que transita em uma embarcação em uma visita pedagógica de uma semana de atividades os objetivos são:

- Difundir o acesso à leitura e atividades artísticas e culturais;
- Dar visibilidade e valorizar a produção artístico-cultural e literária da região;
- Contribuir na formação de novos leitores;
- Contribuir na formação educacional das crianças e jovens e professores da rede pública;
- Contribuir para a produção e valorização de outras narrativas sobre os processos sociais que configuram a Baía de Todos os Santos.

Quando contei que era brincante, ela me indicou a participar das formações da monitoria, em que fui acolhida e treinada por Professoras Doutoradas da UNILAB: Cristina Teodoro, Maria Cláudia Cardoso e também as mais velhas que vem trilhando a jornada de construções de outras narrativas como Cristiane Sobrinho e a escritora Ana Fátima. Quando terminou as formações era oficialmente uma guardiã, um processo iniciático em que fui batizada pelas águas das memórias que se apresentaram com suor, lágrimas e saliva, elas me ajudaram a desaguar nas comunidades que banham a Baía de Todos os Santos.

O barco não é apenas físico como também um espaço filosófico comum de compartilhamento de experiências, que também encontramos nos barcos de feitura do candomblé, quando estive em minha primeira visita na comunidade São Roque do Paraguassú, fui banhada de memórias ao entrar no barco. Passei dias pensando como Cristiane Souza havia pensado e projetado as navegações da BN e recebi a resposta apenas tempos depois quando Olabiyi Labalola Josef Yai, embaixador e delegado permanente da república do Benin na

UNESCO encerrou o seminário "O significado da África no Brasil" promovido pelo Grupo de pesquisa África Contemporânea, ocorrido em Salvador em novembro de 2018.

Olabiya iniciou explicando o que ele entendia como Nós, e a existência como sendo fluxos das águas, uma metáfora da herança comum da diáspora, simbolizada pelo barco, África é uma mãe coragem que será responsável pelo processo de reumanização do mundo, ela é venerada nos barcos das experiências.

Figura 23 - Alegria é uma herança em comum



Fonte: Acervo da BN (2017).

Precisei me ancorar no poder da palavra que aprendi com Amadou Hampâté BÂ, acessar a forma que mamãe conduzia as histórias, descobri que transitaria entre o barco (uma nova experiência) e a rua (minha especialidade) para brincar, dessa vez a brincadeira serviria para diagnosticar, reconhecer e combater o racismo nos espaços escolares, enaltecer os patrimônios culturais africanos, legitimar nossas aprendizagens, isso requer acolhida, escuta e principalmente estar no mesmo barco.

Figura 24 - Aprendi a voar sem asas



Fonte: Acervo BN. São Rock do Paraguassú (2017).

Figura 25 - Ensinei Terra e Mar (brincadeira de Moçambique)



Fonte: Acervo BN (2017).

8.1 MAR ENTREVISTA A CHICA JUBA

Em um grupo de estudos da produção e ritualização do TCC, em fevereiro de 2019, Mariele Cristina Conceição em seu projeto como se planta um Baobá vó? colheu essa entrevista sobre a contação do livro Chico Juba de Gustavo Gaivota, no qual houve uma adaptação, que elenco elementos da minha história de vida, eu acredito nas ciências humanas e no ser humano (Mântu), sempre conto nas ruas, escolas, terreiros e em casa, girar os quatro cantos, em todas direções, como me ensinou Fu - Kiau (2015, p.5) é minha forma de colecionar dados para construção do conhecimento: “Seus movimentos em todos as direções (para frente, para trás, à direita, esquerda, para cima, para baixo e para dentro de si) é intencionado essencialmente para

coleção de dados. Esses dados ajudam ao Mûntu - Ser humano construir o que ele chama nzailu - conhecimento”.

Figura 26 - Chica Juba nos terreiros



Fonte: Ile Axé Gilodefan (2018).

8.2 A HISTÓRIA

Uma menina que o sonho dela é ser cientista, ela vai para a escola pela primeira vez e sofre racismo. Ela começa a fazer ciência para mudar o cabelo dela. Aí ela faz vários experimentos loucos. Coloca leite, coloca um monte de tranqueira no cabelo. Passando a química pesada. E o cabelo dela caí. E a mãe dela só vai perceber que ela sofreu racismo na escola quando a filha dela chega careca em casa. E a mãe dela explica para ela que ela tem uma herança africana, ancestral. E que ela não deveria estar passando nada no cabelo dela. Cada cachinho, cada voltinha do cabelo dela era um vovô e uma vóvó. Que ela tava machucando quando ela taa fazendo aquele tipo de coisa. e aí então ela decidiu que ia usar a ciência a favor do cabelo dela. E então vira uma grande cientista de cuidados de cabelo. Ela cria várias fórmulas, produtos. Tudo natural para cuidar do cabelo. Aí no final da história a gente pergunta: o que a gente aprendeu com a história?

Figura 27 - Chica Juba nas ruas. Comunidade em Conceição do Almeida



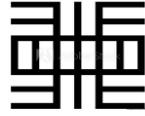
Fonte: Olhar Orgânico. Coletivo Ôplas (2017).

8.3 O QUE APRENDEMOS?

Aí na biblioteca náutica teve uma menina que falou assim: “- Aprendi que a gente nunca deve se machucar por causa do que os outros acham da gente”. Aí eu fiquei pensando, poxa, porque até então eu não pensava que a chica juba estava se machucando. Trabalhei aquilo, mas eu não tinha refletido. E a outra menina falou: “Aprendi sempre contar pros mais velhos o quê que está acontecendo na escola” Aí eu fiquei com aquilo na cabeça. E poucas vezes eu contei as experiências que eu passei na escola para minha mãe. Experiência real. Eu chegava em casa contando ali por cima e tal. Toda roxa, que tinha me envolvido em briga. E eu não minha mãe. Com 12, 13 anos, polícia me enquadrando, na porta da escola e eu apanhando da polícia. Eu chegando em casa e falando, não minha mãe. Tá tudo bem, foi ótimo. Então também o ato ato de você denunciar, falar. O que é isso? Você descobre o racismo, mas você combate? A criança vai entender o racismo, mas ela não vai combater? Na biblioteca náutica é muito isso, a gente fica uma semana discutindo coisas que não se discute. E depois a gente vai embora. E aí?

Tem perguntas que só o tempo responde, creio que a cada ato de brincar, faz plantar a força do nosso povo, vamos embora com a certeza que espalhamos sementes de orgulho, resistência e aceitação. O que aprendi? que ensino aprendendo, aprendo ensinando, que se

aprende aprendendo, aprendi isso com o meu povo, como ONNIM um provérbio africano que rege meus saberes.



9 CAPÍTULO - UM SARAU PARA LALÁ

Não sei se vai gostar

A chuva pode até cair
 você nunca deve pensar em desistir
 Sigo seus passos em tudo para mim conseguir pensar no futuro
 Nosso amor
 como mel
 eu você
 Terra céu

Kaylane Dias Maceió, Sobrirmã, 15 anos.

Laissa Sobral Santos Martins

Das pipocas ao balaio
 Das mandingas a menina
 Do Grajaú rima mina
 Na estrada trilha
 Suas coisas, suas buliças
 Seus contos, sua vida
 Seu corpo sua política
 Nunca foi réu nem de bandido
 muito menos polícia
 Permita ela,
 sempre quis sair e voltar ,
 sem ser desimpedida
 Nunca dependeu das vidas
 somente de sua vida
 Filha de Dona Mara
 As águas,
 no seu sangue corria,

Nas suas letras exala poesia
Seu coração transmite energia

(4K- Mestre de Cerimônia e poeta - 2019)

Ciranda da Preta

Na ciranda de roda, a trança balança
A preta que toca, é a mesma que dança.
O fluido do coro,
Lava alma com choro!
Mulher de força e poder.
Te acende e te levanta ao anoitecer.
Estende a mão, te faz o convite...
Coração pulsa, fique atenta,
Talvez hoje ela te visite!
Com o sonoro você transcende.
Percorre as dimensões,
Trabalhando o consciente.
Penetre o espaço,
Explore, toque e sente!
Contato que queima, arde!
O misto de sensação...
Traz o prazer, o suor, o tesão.
A rainha que sustenta sua história,
Exala a beleza preta
Que resgata sua memória.
Vem com a gira,
Faz o canto,
Pega fogo,
Adora o santo

(Juliana Lima - Pretagoga - 2016)

Uma poesia para Lala

E do nada assistir um show de graça
 Da moça na quadra
 Falando de samba, de jongo, de rap, de amor
 É pq somos nós por nós
 Interligadacomosdeluzes
 Estou bem pô !
 Sorriso encantador
 Resistimos pra vida que nos da vida,
 Mas tanto desrespeito, ingratidão
 cadê a união?
 matando mato
 matando corações
 seres em extinção
 amor em extinção
 te chamo pra dançar
 mas ninguém mais que dançar
 estamos rezando para o mundo acabar
 estou rezando pra vários outros shows dessa mina de graça,
 ouvir um jongo, um dancinha na quadra
 e se o mundo acabar, se vai !
 que o toques dos jongo nos guarde ! Nos dê paz.

(Mandú Santos - 2019)

Toc Toc

Dá licença Dona da Casa
 Onde é que tá Lálá?
 Espera um cadim ô pai
 que eu vou procurar
 Comi canjiquinha

Toquei batata
Ouvi que Mara é Tambu
E Lálá tá qui
bem no meu peito
vi pelo brilho da Lua
que cresce no canto
dos olhos dela
de Estrela
Lálá ta Lá
no canto
do jongo
no Sol
Catando vozes
marisca como Joca
no fundo da maré
Ê Ê
são tantos cantos
muito canteiro
flores no meio
das águas de Oxum
Ô Lálá Ô
Dança com seu espelho
Ê Láláíá
Apressa a mar
Atrasa o barco
Nosso encontro
é exuzilhada
é tê cêcê
É terra que o fruto deu
é maré que subiu
erê que desceu
é também o cachorrinho
quando é injustiça fica bravo
e nas preta abraça assim

assim, assim, assim e assim
Lálá quando cai do céu
a gente guarda aqui
Cachoeira!

(Ela é aMar, Mariele Cristina Conceição é irmã)

A Preta vai formar

Laissa Sobral é sereia e nasceu no Graja
Tem axé ancestral e urbano herdado de Mãe Mara
Extensão de uma família de mulheres catadoras
Contadoras de histórias, Carolinas, escritoras

Inquieta em SP, se jogou pelo Brasil
Deu uns gole no dendê e agora tá barril
Se picou pra Bahia pra cursar Humanidades
Vai se formar nesse mês, dia 26 é o dia

Teve luta, teve choro
Vida bruta, canto em coro
Pra celebrar respira fundo
Vai se formar, é dela o mundo!

A casa grande surta quando o quilombo aprende a ler, certo?
Então sejamos os personagens do pesadelo do sistema!
#Ubuntu
#Resistência
#4P
#Ilove

(Larissa Cordeiro - Poesia feita para campanha da formatura - 2019)

Mafica Afrika

Eu queria todo dia abraçar sua energia
 seu sorriso pra brinda, vôoa
 voa sobre a cidade Joana que liberdade
 novos mundos pra pintar
 é que seus traços encanta questiona a cidade meu amor
 aí que saudade
 sua gíngua suas tranças
 esses lábios essa danças grato por me inspirar

Joana brindando a cidade meu amor vôoa vôoa
 África
 libertar
 Mafica
 lAfrica

(Ba Kimbuta)

Vontade

Sinto vontade de estar perto de você,
 muita vontade.
 O peito aperta as pernas bambeiam,
 querem andar de pressa pra te encontrar.
 Mas o vento diz que ainda não é hora,
 porque as pedras são pesadas e derretem
 com a água que prepara e molha o Aiyê
 pra que ela fique forte e fértil como o fogo que consome,
 transformar da vida e movimento pra tudo que nele chega.
 E quando chegar, estarei chegado aqui e lá.
 Te abraçarei e te darei dengos
 lembrarei de tudo e não esquecerei de cantar,

dançar e tocar para as plantas
 porque somos espíritos
 que assim como o vento,
 com o vento, o vento, o vento...
 O vento faz as folhas dançarem no seu tempo.
 Ojire Odara!
 (Luiz Ìgbà - 2018)

POR DO SOL

Quando eu morrer não precisa me enterrar
 joga na Paraíba deixa água me leva
 a carne o peixe come o osso deixa afundar
 le le ile le lele le ile
 (Jongo do Quilombo São José)

Makota Valdina nos ensinou :

A filosofia Bantu nos ensina nós somos como o sol, todo ser humano nasce a cada dia, se expande como o sol, cai no horizonte para tornar renascer, a gente tá no mundo pra brilhar, pra ser feliz, a gente não nasceu pra ser infeliz, a gente nasceu pra ser feliz, e cada um que pegue seu raio de sol e brilhe o mais intensamente que possa brilhar, que todo ser humano nasce com seu seu raio de sol, não deixe perder nunca aquele raio de sol que lhe foi dado. Brilhe brilhe intensamente e seja no mundo sempre.

Figura 28 - Emoyo Ye Kunamayangui. Equivalência em Kicongo : A vida é como um Rio.



Fonte: Acervo pessoal. Foto do Quilombo Novo Ipiranga. Conde - PB. 2015.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA-LEYVA, Pedro. **África entre africanistas e africanólogos no Brasil**. 1. ed. Pará de Minas, MG: Virtual Books Editora, 2016. v. vol I. 106pp .2
- _____. **El Pensamiento Negro en América: Poesía, Familia y Teología**. 01. ed. Pará de Minas, MG- Brasil: Virtula Books, 2013. v. 01. 102p .
- _____. **Ubuntu na Metodologia da pesquisa com foco interventivo na relações étnico-raciais**. In: SILVA, Geranilde Costa e; LIMA, Ivan Costa; MEIJER, Rebeca Alcântara da Silva.. (Org.). Abordagens Políticas, Históricas e Pedagógicas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar. 1ed.FORTALEZA: Expressão editora, 2015, v. 1, p. 199-211.
- ALVES, Aristides. **A casa dos olhos do tempo que fala da Nação Angola Paquetan. Kunzo Kia Mezu Kwa Tembu Kiselu Kwa Muije Angolão Paquetan**. Fotografia Aristides Alves, Texto Renato da Silveira e Cleidiana Ramos. Ilustração Marco Aurélio Damasceno. Salvador; Asa Foto. 2010.
- AREDA, Felipe. **Exu e a reescrita do mundo**. Revista África e Africanidades v. 1, p. 1, 2008.
- BÂ, Amadou Hampâté. **A Tradição Viva**. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). História Geral da África, I: Metodologia e Pré-história da África.– 2.ed. rev. –Brasília: UNESCO, 2010. p. 183-187.
- _____. **Amkoullel, o Menino Fula**. 3ª edição.– São Paulo: Palas Athena: Acervo África, 2013.
- BARCELLOS, Mario Cesar. **Os orixás e o segredo da vida: lógica, mitologia e ecologia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- BAGNO, M. **Preconceito Lingüístico: O que é, como se faz**. São Paulo. Edições Loyola. 1999.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branquitude: o lado oculto do discurso sobre o negro**. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ:Vozes. 2009.
- Biblioteca Náutica. **BN na comunidade do Pilar**
< <https://www.youtube.com/watch?v=mrTtaHDuumE>>
acesso em fev.2019.
- BIDIMA, Jean-Godefroy. **De la traversée: raconter des expériences, partager le sens**. Rue Descartes, 2002/2, n.36, p. 7-17. Tradução para uso didático por Gabriel Silveira de Andrade Antunes. Disponível <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/jean-godefroy_bidima_-_da_travessia._contar_experi%C3%A0ncias_partilhar_o_sentido.pdf>
acesso em 24 de fev. 2019.

BILLINGS. Represa. **Brazil's Coolest Graffiti Is In Grajaú, São Paulo.** Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2015/08/24/graffiti-grajau-brazil_n_8032828.htm> acesso em 13 de março de 2019.

BULE- BULE. **Orixás em Cordel/ Bule - Bule;** Ilustrado por Kléivisson Viana- Camaçari BA: Pinaúma Editora, 2018.

CAPULANAS. Cia de Arte Negra. **Sangoma - Capulanas Cia de Arte Negra.** 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kw5-T7Oq_BQ&t=197s> acesso em 24 de fev. 2019.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia - Um Vocabulário Afro-Brasileiro.** 2ªed. Rio de Janeiro: TopBooks, 2005.

COISA FORTE. Produções. **30 anos da Casa Boneco XVII Caruru e as pedagogingas: Da desfolclorização à Escola do Tambor. 2009.** Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=2clEXhAOe_g> acesso em 24 de fev. 2019.

DIOP, Cheikh Anta. **Unidade Cultural da África Negra:** esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Editora Pedagogo. Lisboa, 2015.

EVARISTO, Conceição. Texto em seu blog Nossa Escrevivência. **DA GRAFIA-DESENHO DE MINHA MÃE UM DOS LUGARES DE NASCIMENTO DE MINHA ESCRITA.** 2005. Disponível em <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>> acesso em 03 de dez.2018.

_____. **OLHOS D'ÁGUA.** 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

FAFÁ. Contação de histórias. **Chico Juba.** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=smal9g8o2SA>> acesso em fev. 2019.

FALCÃO, Inaicyrá. **Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança arte-educação.** São Paulo: Terceira Margem, 2006.

FELINTO, Renata (org.). **Culturas Africanas e Afro- brasileiras em Sala de Aula: saberes para professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais.** Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2012.

FERRAZ, Fernando. **O saber fazer das danças afro: investigando matrizes negras em movimento.** São Paulo, UNESP, 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista.

FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso; SILVA, I. S. . **EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA:** uma reflexão sobre o alcance da lei 10.639/03. In: Elcimar Simão Martins; Gabrielle Bessa Pereira Maia; Maria das Graças de Araújo; Maryland Bessa Pereira Maia; Samara Mendes Araújo Silva. (Org.). CAMINHOS DA EDUCAÇÃO: tessituras de olhares e saberes. 1ed.Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014, v. 1, p. 13-566.

FU-KIAU. **A visão bântu-kôngo da sacralidade do mundo natural**. Associação Cultural de Preservação do Patrimônio Bantu – ACBANTU. Tradução portuguesa por Valdina O. Pinto. 2015. Disponível: <https://estahorareall.files.wordpress.com/2015/07/dr-bunseki-fu-kiau-a-viso3a3o-bantu-kongo-da-sacralidade-do-mundo-natural.pdf> Acesso: 10 março de. 2019.

GONZÁLEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: **Revistas Ciências Sociais**. Anpocs, 1984, pp. 23-244.

_____. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n.92/93 (jan./jun), 1988, pp.69-82.

_____. **Cultura, Etnicidade e Trabalho: Efeitos Linguísticos e Políticos da Exploração da Mulher**. Comunicação apresentada no 8.Encontro Nacional da Associação de Estudos Latino Americanos, 5-7 de Abril de 1979.

IPHAN. **Jongo é patrimônio cultural da humanidade**.
< <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/59>> acesso em: 03 de dez. 2018.

JANJA. Mestra. **Bonita Mandinga**. 2019. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=CCTKVoQ_cTQ&fbclid=IwAR2-tUDPF3k1rR24DtI9gS67VIV-I2D_ve49e11RI5JrYZD3dF1rYcdxwT0> acesso em 24 de fev. 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Livraria Francisco Alves (Editora Paulo de Azevedo Ltda), 1960, p.72.

JESUS. Maine. **Baobá memórias de Tempo**. UFRB. 2019.

KOFILABA. Acervo de Mametu Caçulinha. Disponível em:
< <https://kofilaba.wixsite.com/kofilaba/home>> acesso em março de 2019.

LIMA, Vivaldo da Costa. **Cosme e Damião: o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África**. Salvador: Corrupio. 2005.

LÜHNING, Angela. **O mundo fantástico dos êres**. **Revista USP, Dossiê Brasil/África**. Vol. 18 Jun/Jul/Ago, 1993.

MARTINS, Alessandra Ribeiro; SANTOS JUNIOR, Wilson Ribeiro dos. **O Projeto Ruas de Histórias Negras e a representação da matriz africana em Campinas: a disputa do território urbano - um estudo de caso**. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 68, p. 32-49, dez. 2017.

MARTINS, Alessandra Ribeiro. **Matriz africana em Campinas – territórios, memória e representação**. Tese (Doutorado em Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2016, p. 72. Disponível em: <<tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/928>>. Acesso em: 15 de fev. 2017.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**. São Paulo: Perspectivas e Mazza Edições, 1997; Os dias Anônimos. Ed. Sette Letras., 1999. 1995.

MAZAMA, Ama. **A afrocentricidade como um novo paradigma.** In: Nascimento EL. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.* São Paulo: Selo Negro, p. 111-27, 2009.

MOORE, Carlos. **O marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão.** Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro, 2010. (Coleção Repensando a África, volume 5).

MNCR-Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis. **Cartilha de formação.** Secretaria Nacional do MNCR. Produção e Editoração: Setor de Comunicação do MNCR, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos.** São Paulo: Editora Ática, 2ª ed., 1988. ————. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra.** 2 ed.— Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

————— (org.). **Superando o Racismo na Escola.**— Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista.** Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1980.

—————. **Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.** São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 199- 218.

NASCIMENTO, Flor Wanderson. **Aproximações brasileiras às filosofias africanas: caminhos desde uma ontologia ubuntu,** In: Prometeus, ano 9, nº 21, edição especial, Dezembro/2016.

NGUNGA, Armindo. **Introdução à linguística bantu.** Imprensa Universitária: UEM, Maputo, 2014.

NOGUERA, Renato. **O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, Biblioteca Nacional, 2014.

—————. **A ética da serenidade: o caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope.** In: Ensaios Filosóficos. Volume VIII – Dezembro. 2013. p. 138-154.

NOGUERA, R. ; RIBEIRO, K. . **Geopolítica do Conhecimento: Filosofia, Epistemicídio e Educação.** In: 5º Seminário fronteiras étnico-culturais e fronteiras da exclusão, 2012, Campo Grande/MS. 5º Seminário fronteiras étnico-culturais e fronteiras da exclusão. Campo Grande/MS: UCDB/FUNDECT, 2012. v. 5.

NYEMBA. **Biblioteca Náutica na baía de todos os santos.** Disponível em <<http://nyemba.unilab.edu.br/index.php/extensao/biblioteca-nautica-na-baia-de-todos-os-santos/>> acesso em fev. de 2019.

OLHAR ORGÂNICO. **Biblioteca Náutica na Comunidade Do Pilar** Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=mrTtaHDuumE>> acesso em fev. de 2019.

OLHAR ORGÂNICO. **Intervenção Ôplas em Conceição do Almeida**. 2017.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *A Ancestralidade na encruzilhada: dinâmica de uma tradição inventada*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2001.

_____. **Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-brasileira**. In: Revista Sul-americana de Filosofia e Educação, Brasília, n.18, pp. 26-47, maio -out/2012.

_____. **Filosofia da Ancestralidade, corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular. 2007.

A Ancestralidade na encruzilhada: dinâmica de uma tradição inventada. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2001.

ONNIM. **Simbolo Adinkra**. Disponível em:

<<https://www.flogao.com.br/czeiger/119802477>> acesso em março de 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório da III Conferência das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Intolerâncias Correlatas. Durban, África do Sul**. 2001. Disponível em www.seppir.gov.br/publicacoes/conferencia_durban. Acesso em 10.03.2019.

OS CRESPOS. **Engravidei, Pari Cavalos e Aprendi a Voar Sem Asas**. 2016. Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=JqzCdqXWZw4&t=24s>> acesso em 24 de fev. 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press. Grupo de Estudos com Mariele Conceição. 2018/19. 1997.

PASSOS, F. J. **Beco de (Vó) Dola: Territorialidade e Ancestralidade Negra em Vitória da Conquista**. 2012.

PETIT, S. H. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras Professores. Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei n.º 10.639/03**. 1 ed., EDUECE, Fortaleza, 2015.

RIBEIRO, K. **A filosofia africana Filosofia Africana: afirmações epistemológicas de sua existência**. In: Maurício Castanheira. (Org.). Capim Limão: Ensaio sobre produção do conhecimento, material didático e outros textos. 1ed. Rio de Janeiro: Luciana Lima de Albuquerque, 2015, v. 1, p. 38-53.

_____. **Filosofia Africana**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=EdYSCzpA8kg>> acesso em fev.2019.

ROSA, Allan da. **Pedagogia, Autonomia e Mocambagem**. 1.ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. Disponível em:

<<http://issuu.com/tramas urbanas/docs/pedagogia>>. Acesso em 10 de dez. 2018.

_____. **Reza de mãe.** São Paulo: Nós, 2016

SANGOMA. **Mulheres líquido; Os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra.** 2015.

SANTOS, Joselita Gonçalves dos. **“Essa é a minha filosofia”.** Monografia. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira. 2018.

SANTOS, M. **Por outra globalização.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Cidinha da. **Um Exu em Nova York-** 1 ed.- Rio de Janeiro: Pallas, 2018. p.69.

_____. **Os nove pentes d'África;** Ilustrado por Iléa Ferraz.- Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

SILVA, Marilza Oliveira da. **Ossain como poética para uma dança afro-brasileira /** Marilza Oliveira da Silva. - 2016.

SOLIA, Mariângela; FARIA, Odair Marcos; ARAÚJO, Ricardo. **Mananciais da região metropolitana de São Paulo.** São Paulo: Sabesp, 2007.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade : Ensinamentos Ancestrais Africanos Sobre Relacionamentos.** 1997. 2. ed.–São Paulo : Odysseus Editora, 2007.

STELLA Mãe, Òwe. Salvador: Sociedade Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá, 2007. (Provérbios).

TAISSOL ZIGGY. **Sarau das Pretas.** 2018.

Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=24WII0GyqYs>> acesso em 24 de fev. 2019.

TERÇA AFRO. **Território de afetos/** org. Ana Caroline da Silva de Jesus e Whelder Guelear. -1 ed.- São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2016.

TEMPELS, R. P. Placide. A Filosofia Bantu. Tradução: Amélia A. Mingas e Zavoni Ntondo. Edições de Angola, Lda (EAL), 2016.

TRINDADE-SERRA, Ordep José. **Na Trilha das Crianças: os êres num Terreiro Angola.** Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília. Pág. 84-105, 1978.

WALKER; Alice. **Em busca do jardim de Nossas Mães.** Coleção Pensamento Preto: Epistemologias do Renascimento Africano [Volume II]. União dos Coletivos Pan-Africanistas. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. I Edição. p. 75 - 86.

WERNECK, Jurema Pinto. **O Samba Segundo as Ialodês: Mulheres Negras e a Cultura Midiática.** Tese. Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2007.

_____. **Políticas Públicas para Mulheres Negras – Passo a Passo: Defesa, Monitoramento e Avaliação para Políticas Públicas.** Criola: Rio de Janeiro, 2010.

_____. **Macacas de Auditório? Mulheres negras, racismo e participação na música popular brasileira.** Ensaio Elaborado para o Prêmio Mulheres Negras contam sua História, promovido pela Secretaria de Políticas para as Mulheres. 2013 ZUMTHOR, Paul. A Letra e a Voz. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Escritura e Nomadismo.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

_____. **Introdução à Poesia Oral.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ANEXO

Registro fotográfico de Rodrigo Mendes









